

O discurso amoroso em *Os Lusíadas*

MARIA ANTONIA DOS SANTOS BOTELHO
Profª de Literatura Portuguesa do
Instituto de Letras da UFF

Para falar sobre o discurso amoroso em *Os Lusíadas* selecionei do poema o episódio da “Ilha dos Amores”.¹

Dois motivos levaram-me a esta escolha. Em primeiro lugar, as sempre renovadas polêmicas em torno da Ilha: sua localização, suas fontes e suas leituras. O segundo motivo foi o fato de não existir uma análise deste texto que coincidissem com a minha proposta de leitura, apesar do grande número de trabalhos sobre o mesmo.

Entre os estudiosos que buscaram ou buscam a localização da “Ilha dos Amores”, ilha que Vênus fez emergir das águas, existem dois grupos de “candidíssimos geógrafos” que se afadigam em situá-la ora no Índico, ora no Atlântico — Zanzibar, Arquedivas, Santa Helena . . .² Mas não vou deter-me neste aspecto que dentro do discurso amoroso não é senão um elemento secundário.

Outra questão relacionada à “Ilha Edênica” é a questão das fontes.

Enquanto alguns críticos a vêem como sugestão provável de leituras de autores da antiguidade, como Homero que na *Odisséia* também inclui uma ilha flutuante³ ou pelo conhecimento de lendas e tradições orientais difundidas na Europa pelos árabes⁴, outros críticos olham-na como uma criação imaginária do poeta.⁵

Porém, o fundamental para a leitura do discurso amoroso no episódio da “Ilha de Vênus” é o próprio texto, tendo em vista sua inserção e seu fun-

Estudo inicialmente apresentado sob a forma de conferência, proferida em 9/05/1980, na “Semana Camoniana”, realizada no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, sob a coordenação da autora.

cionamento no espaço da epopéia camonianiana. O estudo das fontes tem também um valor extrínseco, pois, nos remete a uma função referencial onde as relações entre a mensagem e o objeto a que se refere, dizem respeito a uma informação predominante no texto geográfico, histórico, científico, bem distinta da função poética predominante no texto literário onde a relação da mensagem é consigo mesma:

*. . . as literaturas criam mensagens – objectos que, enquanto coisas e para lá dos signos imediatos que as subtendem, são portadoras da sua própria significação e relevam de uma semiologia particular: estilização, hipóstase de dignificante, simbolização, etc.*⁶

Observa-se, então, que ao analisar o texto é através dele que se lê sua realidade.

Dentro de *Os Lusíadas*, o episódio da Ilha de Vênus desperta, de pronto, a atenção do leitor pela carga de sexualismo que impregna o discurso amoroso, criando, para os estudiosos, séria questão e dividindo-os quanto à ética da matéria em relação à totalidade do poema. Alguns críticos, vendo no episódio a presença de marcas do neo-platonismo, dão ao encontro amoroso: nautas e ninfas, o valor simbólico da união do humano com o divino.

Já Leão Hebreu, em seus *Diálogos de amor*, datados de 1502, ao tecer um paralelismo entre a Lua e o Sol em relação ao homem, expressa com Fílon:

*Assim como a Luz, ao interpor-se entre o Sol e nós terrenos, nos tira a luz do Sol, recebendo-a ela toda na sua parte superior, ficando a inferior dirigida para nós, assim quando a alma se interpõe entre o entendimento e o corpo, isto é, copulando-se e unindo-se com o entendimento, é ela, a alma, quem recebe toda a luz intelectual na sua parte superior, e fica escura quanto à parte inferior corpórea; e o corpo, não estando iluminado por ela, perde o ser, e ela separa-se dele.*⁷

Ao que Ernani Cidade comenta em seu estudo *Camões, o Lírico*:⁸

A doutrina dos Diálogos de Amor ou Filografia Universal, é uma tentativa de compreensão do amor, como lei universal da vida orgânica ou espiritual, tudo ligando, Deus, o Homem e o Mundo, numa harmonia que não é apenas formosura, mas deleite. Platão, Aristóteles, a Bíblia são para o autor objecto de crítica, mais de uma vez conciliadora, ao mesmo tempo que fonte de inspiração. Mas, além da originalidade desta visão de um universo que o amor gradualmente espiritualiza, na ânsia da união com a perfeição suma, o que caracteriza os Diálogos é o frêmito lírico que comove a especulação metafísica. Frêmito erótico – digamos – que tudo repassa, almas e coisas, corpos celestes e terrestres, como se tudo se resolvesse numa infinita vibração de libido genética.

Porém, para alguns críticos, “o lirismo esplendente de sensações eróticas” que perpassa o quadro da Ilha, cria obstáculo a uma tranqüila aceitação de tal leitura. Contudo, em se tratando do excesso de voluptuosidade da escrita em Fela, gostaríamos de lembrar as palavras de Aquilino Ribeiro num estudo sobre a referida passagem:

*Quanto ao grau de luxúria de que está impregnada, fica muito aquém do Cântico dos cânticos, em que cada frase, cada palavra, poreja libido como duma cassoleta ressuma por todos os orifícios a goma odorífera que nela se pôs a queimar.*⁹

Já se afirmou que o primeiro estágio da navegação e sob certo ângulo mesmo, a navegação arquetipal, é o da íntima conquista do homem pelo homem, o trânsito sempre renovado do que é para o que pode ser, afinal a própria existência em afirmação dialética.

A ilha camoniana é uma ilha mítica, evoca o Paraíso Verdadeiro. Camões reconhece o profundo sentido da religião e empenha-se em conseguir no plano humano essa coincidência, que é uma ruptura.

Mas estâncias abaixo, isto se faz evidente:

*Cortando vão as naus a larga via
Do mar ingente pera a pátria amada,
Desejando prover-se de água fria
Pera a grande viagem prolongada,
Quando, juntas, com súbita alegria,
Houveram vista da Ilha namorada,
Rompendo pelo céu a mãe formosa
De Menónio, suave e deleitosa.*

*‘De longe a Ilha viram, fresca e bela,
‘Que Vénus pelas ondas lha levava
(Bem como o vento leva branca vela)
Pera onde a forte armada se enxergava;
Que, por que não passassem, sem que nela
Tomassem porto, como desejava,
Pera onde as naus navegam, a movia
A Acidália, que tudo, enfim, podia.*

(IX, 51/52)

*Três fermosos outeiros se mostravam,
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramíneo esmalte se adornavam,
Na formosa Ilha, alegre e deleitosa.
Claras fontes e límpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonora linfa fugitiva.*

*Num vale ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras águas ajuntar-se,
Onde hũa mesa fazem, que se estende
Tão bela quanto pode imaginar-se.
Arvoredo gentil sobre ela pende,
Como que pronto está pera afeitar-se,
Vendo-se no cristal resplandecente,
Que em si o está pintando pròpriamente.*

*Mil árvores estão ao céu subindo,
Com pomos odoríferos e belos;
A laranjeira tem no fruto lindo
A cor que tinha Dafne nos cabelos,
Encosta-se no chão, que está caindo,
A cidreira cos pesos amarelos;
Os fermosos limões ali, cheirando,
Estão virgíneas tetas imitando.*

*As árvoes agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma enobrecidos,
Alemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro Deus amados e queridos;
Mirtos de Citereia, cos pinheiros
De Cibele, por outro amor vencidos;
Está apontando o agudo cipariso
Pera onde é posto o etéreo Paraíso.*

(IX, 54/55/56/57)

A Ilha Camoniana será no dizer do poeta:

*Algum repouso em fim com que pudesse
Refocilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho que encurta a breve idade*

(IX, 20)

pois

*Ali com mil refrescos e manjares,
Com vinho odorífero e rosas
Em crystalinos paços singulares,
Formosos leitos – e elas mais fermosas –,
Em fim com mil deleites não vulgares
Os esperem as Nymphas amorosas,
De amor, feridas, pera lhe entregarem
Quanto d'ellas os olhos cobiçarem*

(IX, 41)

Tudo aí se refere a um eixo paradigmático de que importa revelar a dimensão.

Em confronto com o Gênesis,¹⁰ capítulo 2, versículos (4-10), (15-25) e capítulo 3, versículos (1-6), (22-24), pode-se verificar que:

2(4): *No tempo em que o Senhor Deus fez o céu e a terra, (5) ainda não havia sôbre a terra arvore de espécie alguma no campo nem tinha crescido sôbre o campo qualquer espécie de erva, pois o Senhor Deus ainda não fizera chover sôbre a terra nem havia homem que cultivasse o solo. (6) No entanto, uma névoa subia da terra e umedecia o solo. (7) Então o Senhor Deus fez o homem de um torrão e lhe soprou nas narinas o espírito da vida. E assim se tornou o homem um ser vivo. (8) E o Senhor Deus plantara um jardim no Éden para as bandas do Oriente e nêle colocou o homem que fizera. (9) E o Senhor Deus fez brotar da terra tôda sorte de árvores, agradáveis à vista e boas para comer, a árvore do conhecimento do bem e do mal no meio do jardim e a árvore da vida. (10) Uma torrente d'água nascia da terra para aguar o jardim e se dividia aí em quatro cursos principais (. . .) (15) O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim em Éden para o cultivar e guardar. (16) E o Senhor Deus ordenou ao homem e falou: podes comer todas as árvores no jardim. (17) mas das árvores no meio do jardim não debes comer; pois no dia em que dela comeres, morrerás de morte. (18) E o Senhor Deus falou: não é bom que o homem esteja só. Far-lhe-ei uma companhia, que lhe corresponda. (19) Ora, o Senhor Deus fizera da terra toda sorte de animais sobre o campo e todas as espécies de pássaros debaixo do céu; e os trouxe então ao homem para que visse, como os nomeava; pois como o homem nomeasse todos os animais, assim eles se haviam de chamar. (20) E o homem deu a cada inseto e pássaro debaixo do céu e animal sobre o campo o seu nome; todavia para o homem não se encontrou companhia que lhe correspondesse. (21) Então o Senhor Deus fez cair sobre o homem um sono profundo e o homem adormeceu. Tomou de suas costelas e fechou o lugar com carne. (22) E da costela, tirada do homem, o Senhor Deus formou uma mulher e a levou para ele. (23) Então o homem falou: eis enfim osso dos meus ossos e carne de minha carne; chamar-se-á varoa pelo fato de ter sido tirada do varão. (24) Por isso o varão abandona pai e mãe e se liga à mulher e ambos se fazem uma carne. (25) E os dois estavam nus, o homem e sua mulher, mas não se envergoavam.*

3(1): *E a serpente era mais astuta do que todos os animais no campo que o Senhor Deus tinha feito. Ela falou para a mulher: Será que Deus disse que não diviês comer todas as árvores no jardim? (2) E disse a mulher para a serpente: nós*

comemos dos frutos das árvores no jardim; (3) mas dos frutos da árvore no meio do jardim disse Deus: não comais deles nem mesmo os toques para não morrerdes. (4) Então disse a serpente para a mulher: de forma alguma morrereis de morte, (5) é que Deus sabe que, no dia em que comereis, abir-se-vos-ão os olhos e haveis de ser como Deus e saber o que é bom e mau. (6) E a mulher olhou e viu que seria bom comer da árvore, e agradável experimentar que era uma árvore gratificante, pois ela satisfazia à curiosidade: tomou assim do fruto e comeu e deu a seu varão e ele comeu (. . .) (22) E o Senhor Deus disse: Eis que o homem se fez como um de nós e sabe o que é bom e mau. Que também não estenda sua mão e tome da árvore da vida, como e viva eternamente, (23) por isso o expulsou do jardim no Éden a fim de lavar o solo donde fora tomado. (24) E tendo expulso o homem, colocou diante do jardim no Éden o querubim com a espada ferina desembainhada a fim de guardar o caminho para árvore da vida.

No exercício da hermenêutica existencial articulada no mito da árvore do conhecimento, o mito não trata senão da constituição da humanidade do homem. O que nos apresenta é a história da criação do homem. Ora, o homem só existe, isto é, só é homem na dinâmica da estrutura, ser-no-mundo (Por isso a criação do homem pertence essencialmente à criação da terra, do céu, das plantas, dos animais). Por isso a criação do homem não é apenas obra exclusiva de Deus. É também obra do próprio homem, afirma o Prof. Carneiro Leão em seu estudo sobre A hermenêutica do mito.¹¹

O Mito desenvolve a explicação da criação do homem, *como homem*, articulando três estruturas fundamentais: a imanência, a transcendência, a decadência.

A terra donde o homem sai ao nascer e para onde retorna ao morrer, é o país da imanência humana.

O homem só existe quando o país de sua imanência se transforma em paisagem. *A criação do homem consiste nessa transformação.*

A paisagem da criação humana possui três integrantes: o homem, o jardim com as duas árvores ao centro e a *sociedade da mulher*.

O mito ressalta que a sociedade da mulher é uma necessidade do homem. “E o Senhor Deus falou: não é bom que o homem esteja só. Far-lhe-ei uma companhia, que lhe corresponda.” 2(18).

A “Ilha dos Amores”, que está enquadrada nos cantos IX e X, ocupando cerca de 200 estrofes, é o único episódio no gênero contido em *Os Lusíadas*.

Desta ruptura emerge um texto contra todo interdito. O importante, para nós, consiste em ver as significações do episódio dentro do sistema, da estrutura de *Os Lusíadas*.



VÊNUS ENSINA ÀS NEREIDAS O CAMINHO DA ILHA DOS AMORES. Quadro de A. Liezen Mayer; gravura de Lindner, Edição Emílio Biel – Leipzig, 1880.

Sabe-se que o poema é um canto laudatório a Vasco da Gama, ao caminho marítimo para as Índias, mas é também um canto ao mais essencial e profundo do homem.

A experiência estética de Camões é nostalgia da união, da identidade homem/natureza e a “Ilha dos Amores” representa o desejo do poeta desta realização.

A verdadeira obra de arte é a que exhibe as feridas da luta sempre vã por alcançar a unidade. A arte autêntica mostra vivas e nítidas as contradições do real. O seu estilo não pode ser harmônico, porque a harmonia seria mentirosa; ele deve ultrapassar a cisão, impelir-se com toda a energia para além da fratura entre o atual e o possível e, não obstante oferecer o próprio corpo da obra . . . como imagem da dolorosa falha do mundo.

A essência do estilo é o fragmento rebelde: o pedaço irreduzível onde a hipócrita homogeneidade da forma, cúmplice da ordem social, é denunciada pelo anticonformismo da arte.¹²

Em *Os Lusíadas* a “Ilha dos Amores” é o fragmento rebelde que tem levado os estudiosos camonianos a se alinharem em posições distintas.

A comunidade de ser entre homem e mulher é coexistência. *Pela coexistência explica o mito a atração sexual.* E o mito conclui a paisagem do país da criação acentuando a atmosfera puramente “animal” da vida do homem no jardim do Éden.

“Os homens estavam nus mas não se envergonhavam” 2(25). Esta falta de vergonha não significa inocência no sentido de ausência de comércio sexual. Antes de comerem da árvore proibida, os homens não viviam numa inocência angelical como muitas vezes se interpreta *mas numa naturalidade animal*,¹³ tal como o poeta enuncia nas estrofes: 70, 71, 72, Canto IX de sua “Ilha dos Amores”:

*Sigamos estas Deusas, e vejamos
“Se fantásticas são, se verdadeiras.”
Isto dito, velozes mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos,
Mas, mais industriosas que ligeiras,
Pouco e poucô, sorrindo, e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.*

*De hũa os cabelos de ouro o vento leva,
Correndo, e de outra as fraldas delicadas;
Acende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes, súbito mostradas.
Hũa de indústria cai, e já releva,
Com mostras mais macias que indinadas,
Que sobre ela, empecendo, também caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.*

*Outros, por outra parte, vão topar
Com as Deusas despidas, que se levam;
Elas começam súbito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam.
Hũas, fingindo menos estimar*

*A vergonha que a força, se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que às mãos cobiçosas vão negando.*

A criação da mulher da costela de Adão, nos diz uma de suas etiologias, é precisamente explicar o domínio da sexualidade. A ausência de vergonha mencionada no cap. 2(25) exprime que os homens seguiam seus instintos sexuais com a mesma naturalidade do animal, assim, também se lê nos versos:

*Mas, mais industriosas que ligeiras,
Pouco e pouco, sorrindo, e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.*

(IX, 70,6-7-8)

Pondo o discurso bíblico em confronto com o discurso amoroso da “Ilha Namorada”, nota-se que os nautas se portam como o homem primitivo e que a cena, altamente erótica, observada por alguns críticos de *Os Lusíadas*, faz-se natural no contexto.

Nos 24 versículos do 3º capítulo do *Gênesis*, o mito expõe a hominização do homem articulando o país e a paisagem de sua *imanência* com a *transcendência*, a força sintetizadora do espírito que é simbolizada no mito pela figura da serpente.

A tentação é, aqui, o impulso para superar o modo de ser opaco e absorvido na imanência de uma vida puramente animal. Ela desinstala o homem da imanência numa vida meramente inconsciente, descortinando as possibilidades do fruto proibido. . .

*no dia em que comeres abrir-se-vos-ão os olhos e haveis de ser
como Deus e saber o que é bom e mau, 3(5).*

No episódio da “Ilha dos Amores” não existe a serpente bíblica, mas uma Vênus oferecendo ao nauta português o *prazer*, troféu de glória, que lhe abrirá a vista e a mente para o futuro “na formosa ilha alegre e deleitosa.”

Este acontecimento revela a preocupação do poeta que reconhece a necessidade dos nautas de, como homens, atingirem sua *hominização*, ou seja, aquela dimensão fundamental que estrutura a existência, isto é, a humanidade do homem: a atração sexual.

A coexistência entre nautas e ninfas é o elemento de transcendência.

À semelhança do discurso de Deus no versículo 22 do 3º cap. “eis que o homem se fez como um de nós e sabe o que é bom e mau”, temos, no discurso amoroso de Camões, o conhecimento de Vasco da Gama do que é e do que será o império marítimo de Portugal através das informações da Deusa Tétis, sua anfitriã naquele espaço.

Esta relação com as deusas é a ponte, é o sentido último da experiência da transcendência do imperfeito para a plenitude.

O momento de convivência com as deusas é o desejo do poeta de inserção, de dissolução no absoluto, como o instante da busca da identidade perdida.

A viagem de Vasco da Gama é o rito iniciatório para uma nova vida da Pátria e do povo português. Esta ideologia, o poeta maior Luís de Camões deixa registrada quando coloca dentro de *Os Lusíadas* o quadro da “Ilha Edênica”.

Em discordância daqueles que vêem em tal passagem uma quebra, uma degradação para o poema camoniano, acredito que a “Ilha dos Amores” é a possibilidade de aperfeiçoamento que emerge no mar e do mar para a realização total do homem português.

Além de todas as emoções, além de distrair, de esquecer, além das sensações novas e agradáveis, a “Ilha dos Amores” é a exploração mais total da realidade do homem dentro da viagem que é o poema épico — *Os Lusíadas*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Porto, Porto, canto IX e X. p. 269-332, s/d.
- ² RIBEIRO, Aquilino. *Camões, Camilo e Eça*. Amodora, Bertrand, 1975, p. 11.
- ³ CIDADE, Hernâni. *Luís de Camões — o épico*. Amodora, Bertrand, 1968, p. 153.
- ⁴ LOPES, David. “A Ilha dos amores num conto oriental árabe”. Separata da revista Portucale, vol. III, n.º 14, Porto, 1930.
- ⁵ CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Ed. ilustrada, revista, prefaciada e anotada por Agostinho Fortes, Lisboa, Liv. Popular, 1936, p. 681-682.
- ⁶ GUIRAUD, Pierre. *A semiologia*. Lisboa, Presença, 1975, p. 16.
- ⁷ HEBREU, Leão. *Diálogos de amor*, tradução, introdução e notas de Reis Brasil, Lisboa, Minerva, 1972, v. II, p. 36.
- ⁸ CIDADE, Hernâni. *Luís de Camões — O lírico*. Amodora, Bertrand, 1967, p. 179.
- ⁹ RIBEIRO, Aquilino. Op. cit., p. 11/12.
- ¹⁰ BÍBLIA SAGRADA. V. T. *Gênesis*, II, 4-10 e 15-25; III, 1-6 e 22-24. Trad. de Pe. Antônio Pereira de Figueiredo, Rio de Janeiro, Balsa, 1965.
- ¹¹ LEÃO, E. Carneiro. *A hermenêutica do mito*. Conferência, Rio de Janeiro, Centro de Estudos Universitários, 02-07-71.
- ¹² MERQUIOR, José Guilherme. *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969, p. 53.
- ¹³ LEÃO, E. Carneiro. Op. cit.